



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

GYSELLY MEDEIROS FERRINE

**OS CUIDADOS MATERNS E A INTERAÇÃO DO AMBIENTE
FACILITADOR NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO BEBÊ: UMA
VISÃO WINNICOTTIANA**

Brasília
2013

GYSELLY MEDEIROS FERRINE

**OS CUIDADOS MATERNS E A INTERAÇÃO DO AMBIENTE
FACILITADOR NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO BEBÊ: UMA
VISÃO WINNICOTTIANA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profª. Dra. Sandra Maria Baccara Araújo

Brasília

2013

GYSELLY MEDEIROS FERRINE

**OS CUIDADOS MATERNS E A INTERAÇÃO DO AMBIENTE
FACILITADOR NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO BEBÊ: UMA
VISÃO WINNICOTTIANA**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de Pós-
graduação *Lato Sensu* em Teoria
Psicanalítica.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sandra Maria Baccara
Araújo

Brasília, ____ de _____ de 2013.

Banca Examinadora

Prof^a. Dra. Sandra Maria Baccara Araújo

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Prof. Convidado

Dedico este trabalho a todas às mães que com seus cuidados propiciam um desenvolvimento contínuo ao seu bebê, promovendo-lhe uma constituição psíquica saudável.

AGRADECIMENTOS

À professora Sandra Baccara,
pela sua dedicação ao ensinar e
por despertar a curiosidade necessária para o desenvolvimento deste estudo.
Obrigada pelo esforço e pelo carinho dedicados à elaboração deste trabalho.
Foi excelente poder contar com sua orientação.
Um grande abraço.

Ao meu querido esposo,
Fernando,
que esteve comigo nesta caminhada.
Obrigada pelo seu apoio e incentivo à minha formação.
Obrigada por acreditar nos meus estudos e apoiar-me a cada dia com seu amor.
Obrigada pelo carinho e compreensão durante todo esse percurso acadêmico.
Obrigada por tudo, meu amor!

Tudo parece muito simples quando vai bem, e a base de tudo isso encontra-se nos primórdios do relacionamento, quando a mãe e o bebê estão em harmonia.
Winnicott.

RESUMO

Este trabalho se propõe dialogar sobre a importância da função e dos cuidados maternos, bem como a apresentação de um ambiente facilitador para a constituição psíquica do bebê. Discute-se brevemente o quanto o bebê é extremamente dependente da mãe e o quanto essa mãe precisa adoecer de forma saudável para suplantar o extremo desamparo do bebê, estabelecendo, assim, uma relação de trocas de experiências favoráveis ao seu desenvolvimento psíquico-físico. Cabe à mãe a função de ser o apoio necessário, devendo ser boa o suficiente, frustrando e deixando que o bebê sinta, em determinados momentos, sensações de onipotência, que o permitam internalizar o objeto externo e, por conseguinte, integrar o seu *self*. Além disso, ela deve apresentar ao bebê, em momentos oportunos, o princípio da realidade. As falhas maternas e os danos causados também são temas desse estudo, bem como a apresentação ao bebê pela mãe de um ambiente facilitador que o ajude a se constituir psicologicamente. Por meio deste estudo bibliográfico, pode-se chegar à conclusão de que a mãe e o ambiente facilitador são a base para uma boa constituição psíquica e que a mãe precisa, necessariamente, ser boa o suficiente para o seu bebê.

Palavras-chave: Mãe suficientemente boa. Função materna. Falhas maternas. Constituição psíquica. Preocupação materna primária.

ABSTRACT

This work discusses the importance of the maternal role, of maternal care and of an enabling environment for the baby's psychic constitution. It is briefly discussed how dependent on the mother is the baby and how much the mother must healthily become sick to supplant the extreme helplessness of the baby, this way establishing a relationship with experience exchange favorable to his psychic and physical development. It is up to the mother the role of being the necessary support and she must be good enough. She must frustrate but sometimes also allow feelings of omnipotence on the baby, which let him internalize the external object and, consequently, integrate his self. Besides that, she must present to the baby, in adequate moments, the beginning of reality. The maternal flaws and the caused damages are also part of this study, as well as the presentation to the baby by his mother to an enabling environment, which helps him to constitute himself psychically. Through this bibliographical study, it was possible to reach the conclusion that the mother and the enabling environment are the basis for a good psychic constitution and that the mother must necessarily be good enough to her baby.

Key words: Mother good enough. Maternal function. Maternal Failures. Physical Constitution. Primary Maternal Worries.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 O COLO DA MÃE E O SEU ACONCHEGO	14
1.1 Os cuidados maternos	16
1.2 Desenvolvimento emocional primitivo	17
2 AMBIENTE FACILITADOR	22
2.1 <i>Setting</i> Winnicottiano	22
2.2 A mãe e a função especular	25
3 CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO BEBÊ	28
3.1 O cuidado materno suficientemente bom	29
3.2 Princípio da realidade e as “falhas” maternas	30
3.3 Ambiente favorável propõe desenvolvimento	32
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A interação mãe e bebê sempre me despertou interesse. Assim, esta monografia partiu de uma tentativa de entender a importância dos cuidados maternos juntamente com a interação do ambiente facilitador para constituição psíquica saudável do bebê.

Às vezes, a mãe não sabe como suprir as necessidades do bebê, deixando-o afastado do seu convívio social, pensando em entregá-lo a um estranho para que cuide dele; talvez por acreditar que não tem experiência ou que não tem condição psíquica de cuidar de seu bebê.

Lembro-me de um caso de adoção que presenciei, quando uma jovem mãe, por falta de condições financeiras, decidiu entregar seu bebê para outra pessoa cuidar, depositando nela toda a sua esperança e acreditando que uma “barriguinha cheia” e uma casa linda fossem o necessário para a constituição psíquica dele. Infeliz decepção para essa mãe biológica. Claro que não posso generalizar o caso, mas essas mães especificamente tiveram propósitos excelentes, só que foram feitos de forma separada. Uma queria dar o sustento físico, e a outra, com o coração apertado, entregou seu bebê por não acreditar na sua capacidade de cuidar, pensou que por ser muito jovem não seria a pessoa mais indicada para cuidar do seu bebê. E, no entanto, penso que ela, com toda a sua restrição financeira e juventude, seria a pessoa mais adequada para fazer o *holding* e *handling*. O fato de ter tudo não quer dizer nada, pois na fase inicial da vida do bebê o essencial é o cuidado materno, o colo da mãe, o olhar, o sustento psíquico e não apenas o sustento físico.

Mas posso questionar-me o que será que faltou àquele bebê? E talvez pudesse responder: o amor e os cuidados maternos, pois a sustentação física foi completa. Esse bebê recebeu tudo, tinha as melhores roupas, brinquedos super modernos, tudo que qualquer criança, psíquica e fisicamente saudável, gostaria de ter. Conquanto essas coisas também têm o seu valor, mas não é o bastante, tendo em vista que os cuidados maternos e a interação com o ambiente facilitador são essenciais para a sua constituição psíquica.

Não quero dizer que a mãe adotiva não amou seu bebê; claro que o amou muito. Mas, para ela, em minha opinião, o essencial foi o sustento material e não o

psíquico. Vi essa criança num “berço de ouro”, mas não era feliz, pois não tinha o essencial para o seu desenvolvimento psíquico. Era uma criança amorfa que recebia apenas o alimento físico.

A partir de minha análise pessoal, dos meus estudos, da minha curiosidade de investigar esse tema e do meu amparo na orientação foi que pensei num problema tão importante nos dias de hoje: a falta da representação materna nos cuidados com o bebê.

Os cuidados maternos exagerados também são prejudiciais à constituição psíquica do bebê bem como àqueles, que não tiveram sequer um cuidado específico e acolhedor, como no caso acima. Penso que os cuidados em excesso são impeditivos para um bom desenvolvimento psíquico, da mesma forma que a falta deles.

Independente se a mãe é biológica ou substituta, os primeiros cuidados com o bebê são feitos por uma mãe suficientemente boa que, por um momento, entra numa fase de adoecimento necessário para cuidar e entender seu bebê, mas que se recupera em algumas semanas.

Tendo em vista que o primeiro contato que a mãe tem com seu bebê é de extrema angústia por não saber como proceder para aplacar o seu choro, a sua fome, ela, neste momento, se depara com uma dúvida: - será que dou conta de cuidar do meu bebê? Tudo o que ela ainda não sabe explicar terá que começar a entender e aprender com essa relação que acaba de começar. Muitas das vezes, a mãe se desespera por acreditar que não é capacitada suficientemente para cuidar do seu bebê, e questiona-se: será que conseguirei ser uma boa mãe? Espero que, com base nesse estudo bibliográfico, este trabalho proporcione questionar e esclarecer esse tema à luz da teoria psicanalítica, na visão de Winnicott.

O importante é que a mãe não seja simplesmente condenada por sua fragilidade psíquica, mas que tenha um amparo de alguém para poder também oferecer amparo ao bebê e com isso perceber que seus cuidados são extremamente importantes para o desenvolvimento dele.

Os objetivos do presente trabalho são: apontar a importância do amor materno para constituição psíquica do bebê; demonstrar que a base necessária para constituição psíquica depende da interação mãe-bebê e de um ambiente facilitador;

analisar as implicações que o cuidado materno representa para o desenvolvimento do bebê; e compreender como a falta de amor e de cuidado materno podem ser desfavoráveis para um bom desenvolvimento psíquico. A fim de alcançar esses objetivos, este trabalho procedeu-se com estudo bibliográfico com base na visão de Winnicott.

O presente estudo foi então estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo, apresento a função materna esclarecendo que a mãe ou sua substituta é a pessoa mais adequada para desempenhar esse papel, não precisando de instruções para realizá-lo, apenas ser uma mãe suficientemente boa na qual deixa fluir, como um pintor, a sua intuição e se adapta às necessidades do seu bebê.

No segundo capítulo, aponto a importância do ambiente facilitador apresentado ao bebê pela mãe. No primeiro capítulo vimos a importância da mãe para o desenvolvimento interno do bebê e neste capítulo veremos a importância da mãe apresentar o ambiente externo a ele, a fim de permitir que suas funções psicológicas, que ainda não foram concretizadas, recebam, favoravelmente, o apoio externo. E quem permite esse acontecimento é a mãe, que gerencia a troca de uma relação de reciprocidade entre eles. Esse ambiente, em que o bebê é inserido sem entender absolutamente nada, é apresentado pela mãe, que também não é sabedora de todos os conceitos, mas o que verdadeiramente importa é que ela saiba que o seu amor é estritamente necessário para a evolução emocional do seu bebê.

No terceiro capítulo, discuto a importância da função materna e a interação do ambiente facilitador como suporte para constituição psíquica. Este capítulo tem o objetivo de discutir o conteúdo exposto, em breve linhas, no intuito de explanar a importância dos cuidados maternos seguros e contínuos e de um ambiente facilitador favorável.

1 O COLO DA MÃE E O SEU ACONCHEGO

Neste primeiro capítulo, será abordada a função materna em seus aspectos e definições, bem como a interação mãe e bebê. Falarei da importância da função materna, dos cuidados indispensáveis da mãe e do desenvolvimento emocional primitivo do bebê a partir dos conceitos de Winnicott (1952/1988).

A função materna é o papel desempenhado pela pessoa responsável pelos cuidados com o bebê. Essa função traz diversas atribuições, tanto físicas como psíquicas, à mãe ou a quem a substitui.

Segundo Winnicott (1999), a mãe não precisaria de instruções para cuidar do seu bebê. Ela deve procurar seguir a sua intuição e ser com ele o que emerge nessa relação, pois ela, melhor do que ninguém, sabe do que o bebê precisa, desde que ela tenha sido assistida por um outro.

Penso que quando o bebê já está pronto para nascer, a mãe, se adequadamente assistida por seu companheiro, pela Previdência Social ou por ambos, está preparada para uma experiência na qual ela sabe, muitíssimo bem, quais são as necessidades do bebê. Vocês naturalmente entenderão que não estou apenas me referindo ao fato de ela ser capaz de saber se o bebê está ou não com fome, e todo este tipo de coisas; refiro-me às inúmeras coisas sutis. (WINNICOTT, 1999, p. 4).

Muitas mães ficam preocupadas e inseguras por não saberem como cuidar dos seus bebês e, em alguns casos, até se desesperam nessa relação. A mãe suficientemente boa saberá avaliar cada situação vivida com seu bebê e dará o apoio necessário a ele. Cada bebê é único, e a relação que cada mãe tem com seu bebê é diferente das demais mães e dos diferentes filhos, pois é uma relação exclusiva, única entre eles. A mãe é o alicerce do bebê. É por meio do amor materno que o bebê dá conta de constituir-se de forma saudável. (WINNICOTT, 1999).

A mãe deve, sem sombra de dúvida, dar o que lhe parece necessário ao bebê, no intuito, de que ela tenha a experiência com ele, e de que essa experiência lhe permita atingir a essência da maternidade.

Assim como um pintor livre que não sabe o que irá pintar, deixa a sua intuição fluir no papel, e por fim, fica surpreendido com a bela paisagem que pintou, assim deverá ser a mãe, que se impressionará frequentemente com a riqueza de detalhes que captará da observação constante do seu bebê, passando a conhecê-lo cada vez mais. (WINNICOTT, 1999).

Winnicott (1983) denominou o termo “mãe suficientemente boa” a fim de mostrar a importância da função materna como quesito indispensável para o desenvolvimento físico e psíquico do bebê. No entanto, esse termo é muito extenso, porque traz uma série de necessidades do bebê que a mãe deverá suprir e ao mesmo tempo frustrar para manter o seu desenvolvimento.

A utilização da expressão “suficientemente boa” está relacionada à adaptação da mãe às necessidades do bebê, e Winnicott a utilizou, no início da década de 50, quando quis fazer uma diferenciação entre a terminologia Kleiniana e a sua. (ABRAM, 1996).

Na verdade, sempre me refiro à ‘mãe suficientemente-boa’ ou à ‘mãe que não é suficientemente-boa’, no que diz respeito ao fato que estamos discutindo, ou seja, a mulher real, temos consciência que o melhor que ela tem a fazer é ser boa o suficiente. A palavra ‘suficiente’ gradualmente (em circunstâncias favoráveis) vai ocupando um espaço cada vez maior, segundo a capacidade crescente do bebê de lidar com a falha através do entendimento, da tolerância à frustração etc. A ‘mãe boa’ e a ‘mãe má’ do jargão Kleiniano apresentam-se como objetos internos, não tendo nada em comum com as mulheres reais. O melhor que uma mulher real pode fazer com um bebê é ser **suficientemente** boa de uma forma sensível inicialmente, de modo que a ilusão para ele torne-se algo possível **desde o início**. Essa mãe suficientemente-boa também é um ‘seio bom’. (WINNICOTT, 1952, p. 38 *apud* ABRAM, 1996, p. 144).

Para Winnicott (1962/1983), mãe suficientemente boa é aquela capaz de atender as necessidades iniciais do bebê e satisfazê-las tão bem que a criança, quando na sua separação mãe-filho, é capaz de sentir uma pequena experiência de onipotência. Contudo, a mãe se dispõe, temporariamente, a uma única tarefa: cuidar do seu bebê. E sua tarefa se torna possível, porque o bebê tem a capacidade de se relacionar com seus objetos subjetivos, proporcionando assim, que ele chegue, ora ou outra, ao princípio da realidade, jamais de uma só vez, para que ele tenha a clara certeza da manutenção dos seus objetos subjetivos juntamente com os objetos percebidos objetivamente como “não-eu”.

A mãe suficientemente boa é a “mãe devotada comum”, é a mulher da realidade, não é projeção de objeto interno (mãe boa e mãe má, no sentido Kleiniano). É aquela que proporciona à criança ser-o-seio. Vai ao encontro do gesto espontâneo do bebê, fornecendo a ilusão de onipotência infantil. (PINTO, 2007, p. 406).

A mãe, para cumprir essa tarefa, não pode ser uma mãe intrusiva, que sufoca a relação. Ela deve deixar que o bebê tenha a experiência de onipotência dosada, dentro da realidade. Ela deve ser quem primeiro aponta o princípio da

realidade e mostra o lugar que ele tem no ambiente. A mãe é o ambiente facilitador do bebê no meio em que está inserido, portanto, ela é a porta de entrada do ambiente para a inserção do bebê no meio social.

A mãe é o porto seguro do bebê. Ela é suficientemente boa, de acordo com Winnicott (1962/1983), quando cuida do seu bebê, mesmo tendo outras atividades e ocupações, ela se apresenta a ele. A mãe é suficientemente boa quando supre suas necessidades evitando que ele vivencie o extremo desamparo.

Freud (1905/1996) afirmou que um bebê, ao nascer, encontra-se no estado de total desamparo físico e psíquico. O cuidado que o outro dá para ele suplanta o desamparo. Se não houver o outro, esse bebê morre. É a intervenção do outro que faz com que o bebê se ajuste para se constituir.

Num primeiro momento, o bebê e o outro são apenas um. Eles funcionam como uma única pessoa, pois é a intervenção do outro que faz com que esse bebê funcione: é a chamada simbiose mãe-bebê. A simbiose faz parte do narcisismo primário, é a primeira imagem em que o bebê se viu pleno e auto-suficiente, pois o seu funcionamento era total e o outro estava com ele. A mãe é tudo para esse bebê porque ela sabe do que ele precisa no momento. A simbiose não é conflitiva porque o desamparo foi suplantado pela mãe. (FREUD,1905).

1.1 Os cuidados maternos

Nesta parte, falarei da importância dos cuidados maternos, como indispensáveis para uma base psíquica saudável estabelecida desde os primeiros dias de vida do bebê.

Para Winnicott (1952/1988), um bebê com desenvolvimento emocional primitivo saudável é fruto do cuidado contínuo materno que o possibilita ao crescimento emocional na fase inicial do desenvolvimento.

A saúde mental de cada criança é estabelecida pela mãe durante a sua preocupação com o cuidado do seu bebê. Pode se eliminar o sentimentalismo da palavra 'devoção' e utilizá-la para descrever a característica essencial sem a qual a mãe não pode dar sua contribuição, uma adaptação sensível e ativa às necessidades de seu bebê, necessidades que no início são absolutas. (WINNICOTT, 1952/1988, p. 376).

A mãe precisa estar com seu bebê, dedicando-se a ele durante esses primeiros meses, pois uma mãe que não tem a preocupação com seu bebê causa

um impacto no seu desenvolvimento psíquico. O bebê, ainda que pequeno, sente o extremo desamparo causado pela falta de cuidados da mãe.

O apoio materno ajuda a fortalecer o ego do bebê que se apoia nessa integração para se desenvolver. Com o tempo, o bebê começará a tornar-se capaz de afirmar a sua individualidade a ponto de experimentar a sua identidade pessoal.

Para Winnicott (1982), os bebês não nascem prontinhos e com manual de instruções. O tempo, o ritmo e a observação proporcionarão à mãe e ao bebê a oportunidade de se conhecerem, bem como a alimentação será dada de forma regular por já haver um equilíbrio entre eles, pois ambos manifestam uma excitação ainda sem nome, mas que durante a relação mãe bebê, será acalmada.

Winnicott (1982) afirmou que a mãe precisa adoecer de forma saudável para compreender o bebê que ela um dia foi. Dessa forma, a mãe deve ser, neste momento, uma pessoa mais introspectiva a fim de relacionar-se com si própria divertindo-se com todos os direitos que ela passa a ter na sociedade e contando sempre com o apoio do seu companheiro para ajudá-la a compreender o seu bebê:

A mãe entra numa fase, uma fase da qual ela comumente se recupera nas semanas e meses que se seguem ao nascimento do bebê, e na qual, em grande parte, ela é o bebê, e o bebê é ela. E não há nada de místico nisso. Afinal de contas, ela também foi um bebê, e traz com ela as lembranças de tê-lo sido; tem igualmente, recordações de que alguém cuidou dela, e estas lembranças tanto podem ajudá-la quanto atrapalhá-la em sua própria experiência como mãe. (WINNICOTT, 1982, p. 4).

Mas, naturalmente, tudo isso implica numa capacidade de a mãe dedicar-se aos cuidados para com seu bebê. Cuidados esses que Winnicott (1999) chamou de sustentação psíquica *holding*, que é dar afeto, carinho e a capacidade de ele sentir-se onipotente por um período até que ele tenha condições de suportar frustrações; e de sustentação básica *handling*, que é o acolher, dar banho, dar comida, embalar, dentre outras.

E por fim, não podemos esquecer ou até mesmo deixar de fora o que se passou nos primeiros meses de vida do bebê, pois as primeiras relações são de suma importância para o seu desenvolvimento psíquico.

1.2 Desenvolvimento emocional primitivo

Melo Filho (1989) descreve os três processos principais para o desenvolvimento do bebê, de acordo com o pensamento de Winnicott: integração,

personalização e adaptação à realidade. O bebê, no estágio precoce, funciona como se fosse um conjunto de partes físicas e psíquicas não integradas, portanto, necessitando, exclusivamente, do contato da mãe a fim de adquirir noção de ser único e coeso.

A integração não é de fato garantida, porque é algo que necessita de desenvolvimento contínuo em cada criança. Ela surge gradualmente a partir de um estado primário não integrado, que, no início, se desenvolve em várias fases motoras e percepções sensoriais. Quando o bebê dorme, o retorno à não-integração não é ameaçador para ele, porque o senso de segurança é fornecido pela mãe, que o segura de um jeito certo. Aos poucos, o processo de integração vai se constituindo e o bebê se torna único e coeso. Mas para que isso aconteça, muito embora os processos maturacionais tenham a tendência à formação da unidade, é de suma importância que a mãe faça o *holding* materno para que ele se torne completo e tenha a possibilidade de experimentar uma sensação de diferenciação do mundo em que vive. (MELO FILHO, 1989).

O desenvolvimento do bebê durante a fase do *holding* apresenta algumas características marcante tais como: o processo primário, identificação primária, autoerotismo e narcisismo primário. É nesse momento que o ego do bebê se desenvolve em um estado não-integrado para uma integração estruturada, a ponto dele sentir a ansiedade associada à desintegração. O desenvolvimento normal do bebê nessa fase representa uma formação do estado unitário, ou seja, ele se torna uma pessoa com sua individualidade. É como se o bebê tivesse uma demarcação entre o seu eu e o não-eu, de forma que ele passa a ter um interior e um exterior e um esquema corporal próprio. (WINNICOTT, 1960/1983).

De acordo com Winnicott (1962/1983), o processo de integração surge nos primeiros momentos de vida e não é um processo natural, devido às flutuações. A tendência à integração é desenvolvida por meio das técnicas do cuidado infantil e também pelas experiências pulsionais que buscam tornar a personalidade uma por meio do interior. As experiências pulsionais representam a sensação de estar dentro do próprio corpo, que são mantidas pelo cuidado corporal que proporcionam uma personalização adequada.

A tendência a integrar é ajudada por dois conjuntos de experiência: a técnica de cuidado infantil através da qual a temperatura do bebê é mantida, ele é manipulado, banhado, embalado e nomeado e, também, as experiências pulsionais agudas que tendem a tornar a personalidade uma a partir do interior. Muitos bebês já se encontram a

caminho da integração durante certos períodos de suas primeiras vinte e quatro horas de vida. E, outros, o processo é retardado ou ocorrem recaídas, por causa da inibição precoce do ataque voraz. (WINNICOTT, 1945/1988, p.276).

Da mesma forma que houve a integração e se firmou baseado nos cuidados corporais e nas experiências pulsionais, a desintegração é o desfazer daquilo que se fez e que se conquistou, é o abandono aos impulsos, sendo extremamente dolorosa para o bebê. (MELO FILHO, 1989).

O processo maturacional se dá por meio do *Holding*, que é um termo utilizado por Winnicott (2001) a partir do verbo *to hold*, que significa sustentar, conter, dar suporte. Nos cuidados maternos, ele pode ser feito por meio do ato físico de segurar no colo ou por meio do entendimento da mãe de se colocar no lugar do bebê. Portanto, o *holding*, não significa apenas segurar o bebê de forma física, mas segurar o bebê “figurativamente”, que inclui a comunicação silenciosa entre a mãe e o bebê, que é a comunicação mais importante entre os seres humanos. (MELLO FILHO, 1989).

De acordo com Mello Filho (1989), a integração para Winnicott é baseada na unidade entre mãe e bebê:

A conquista da integração se baseia na unidade. Primeiro vem o eu que inclui, todo o resto é não-eu. Então vem eu sou, eu existo, adquiro experiências, enriqueço-me e tenho uma integração introjetiva com o não-eu, o mundo real da realidade não-compartilhada. Acrescente-se a isto: meu existir é visto e compreendido por alguém, e ainda mais: É-me devolvida (como uma fase refletida em um espelho) a evidência de que necessito de ter sido percebido como existente. (WINNICOTT, 1962, *apud* MELLO FILHO, 1989, p. 34).

A fase da integração é tão significativa para o bebê que mostra, gradualmente, a importância do equilíbrio proporcionado pelos cuidados maternos. Sem ele, o bebê não conseguiria se sustentar, e no momento de separação, seria quase que impossível se constituir como outra pessoa.

A importância da mãe é vital especialmente no início e, realmente, a mãe tem como tarefa proteger seu bebê de complicações que ele não pode entender ainda e continuar a fornecer, de maneira uniforme, o pedacinho simplificado de mundo que a criança, através dela, passa a conhecer. Somente sobre este alicerce pode-se construir objetividade ou uma atitude científica. Qualquer falha de objetividade que ocorra em qualquer época se relaciona a uma falha neste estágio do desenvolvimento emocional primitivo. (WINNICOTT, 1945/1988, p. 280).

Segundo Winnicott (1945/1988), a possibilidade de ser é a essência da vida, e para ser um indivíduo em marcha, não pode faltar ao bebê a integração, que está inserida no cuidado materno suficientemente bom, sem o qual, o bebê pode se desintegrar, provocando uma dissociação de si mesmo.

Caso o bebê não tenha a oportunidade de integrar-se com a ajuda dos cuidados maternos, ele pode apresentar um colapso nas relações objetais e um colapso na saúde do corpo.

É isso o que comumente ocorre na vida da criança muito pequena e um bebê que não teve qualquer pessoa para juntar seus pedaços começa com uma desvantagem sua própria tarefa de auto-integração e talvez não consiga empreendê-la, ou pelo menos não consiga manter sua integração com confiança. (WINNICOTT, 1945/1988, p. 276).

Para Winnicott (1999), um colapso na saúde do corpo representa uma série de dificuldades no desenvolvimento da personalidade, enquanto que o colapso, nas relações objetais, corresponde a uma concepção sofisticadíssima da psicologia que são os chamados objetos transicionais. Esses objetos representam uma imagem simbólica que o bebê estabelece quando eleger um representante para aplacar a ausência da mãe. Por exemplo, esses objetos podem ser representados, simbolicamente, por meio da boneca, da fralda, do paninho, do travesseiro etc. Um colapso nessa relação faz com que o bebê seja avaliado por apresentar uma insuficiência na capacidade de manter suas relações objetais. É como se ele ficasse despedaçado e perdido dentro de si mesmo.

A propósito de tudo isso, Mello Filho (1989) expôs a gênese da insegurança, em consonância com os pensamentos de Winnicott, reconhecendo a importância de uma suficiente sustentação física para um desenvolvimento psíquico saudável.

Reconhecendo a importância de todos estes fenômenos, Winnicott, todavia, relaciona a gênese da insegurança à relação mais primitiva entre a mãe e a criança, ou seja, o contato corporal proporcionado pelo fenômeno de pegar no colo: 'Estamos próximos à conhecida observação de que a mais antiga ansiedade se relaciona a um modo inseguro de segurar o bebê'. (MELLO FILHO, 1989, p. 35).

O segundo processo de desenvolvimento psíquico, descrito por Winnicott e apresentado por Mello Filho (1989), é a personalização, que representa o sentimento de estar dentro do próprio corpo, sentimento esse que traz repetidas experiências de cuidado corporal satisfatório.

E por fim, o terceiro processo de desenvolvimento psíquico é a adaptação à realidade. Nesse processo, há o par bebê e o seio da mãe. O bebê tem desejos pulsionais e pensamentos predatórios. A mãe tem o seio e o leite e o desejo de ser atacado pelo bebê, que, no entanto, é extremamente agradável a ela. Esses fenômenos se conjugam em uma relação agradabilíssima para ambos, que os elevam a uma sublime experiência. O essencial nessa relação é que a mãe possa dar ao bebê a sensação de onipotência necessária à própria sobrevivência e a sensação de que o seio é criado por ele. (MELLO FILHO, 1989).

Para Winnicott (1999), a possibilidade de ser é conferida ao bebê, quando ele se identifica com a mãe, com base na relação de amor e cuidados maternos:

O bebê, por outro lado, identifica-se com a mãe nos momentos calmos de contato, que é menos uma realização do bebê que um resultado do relacionamento que a mãe possibilita. Do ponto de vista do bebê, nada existe além dele próprio, e, portanto a mãe é, inicialmente, parte dele. Em outras palavras, há algo, aqui, que as pessoas chamam de identificação primária. Isto é o começo de tudo, e confere significado a palavras muito simples, como ser. (WINNICOTT, 1999, p. 9).

Por conseguinte a junção desses três processos coaduna com a distinção do “eu” e do “não-eu” como se fossem separados por uma membrana delimitadora. E dessa forma, o bebê passa a ter uma membrana interna e externa e um esquema corporal. O resultado dessa integração é a possibilidade do bebê atingir o estágio de “ser uma pessoa”.

2 AMBIENTE FACILITADOR

Neste segundo capítulo, será abordada a importância do ambiente facilitador para um bom desenvolvimento psíquico, a importância do *setting* winnicottiano na relação primitiva mãe-bebê e o conceito de mãe na função especular para o bebê.

Para Grolnick (1993), o bebê necessita de um ambiente facilitador para se desenvolver. O apoio externo tem o intuito de substituir as funções psicológicas que ainda não foram concretizadas. Um ser humano não pode se constituir naturalmente sem a ajuda externa, pois é uma relação de reciprocidade. Sendo assim, a troca de experiências mãe e bebê se faz necessária, pois sem ela, há o perigo de dissociação entre a pessoa e um *self* somático, com a chance de se tornar um “falso *self*”. A falta do ambiente facilitador pode marcar precocemente o bebê, e a mãe é a responsável por apresentar a ele o ambiente facilitador como apoio externo.

Segundo Abadi (1998), a dependência absoluta está relacionada ao momento em que a criança ainda não tem a capacidade de reconhecer o cuidado materno e muito menos tem a capacidade de definir a mãe como objeto externo.

O estágio de dependência absoluta tem a ver com a fase inicial da vida psíquica do bebê, que ainda não se constituiu completamente. A mãe, por meio do seu comportamento adaptativo, permitirá ao bebê que encontre, fora do *self*, o que é necessário e esperado para sua verdadeira constituição psíquica.

2.1 *Setting* Winnicottiano

De acordo com Hisada (2002), o *setting* winnicottiano é baseado na relação primitiva mãe-bebê que é fundamental para um bom desenvolvimento emocional primitivo. Para que esse desenvolvimento aconteça, é necessária a constituição da ilusão, da preocupação materna primária e do espaço potencial.

Quando se pensa em ilusão, entende-se que é o ponto inicial para o desenvolvimento psíquico do bebê, pois ela representa uma área intermediária de

experiência interna e externa. A alucinação proporciona-lhe a capacidade de criar a mãe. Por sua vez, ela se coloca no lugar dessa criação, constituindo o fenômeno da ilusão. Ela permite, em alguns momentos, que seu bebê tenha a experiência de ilusão de onipotência. Quando ocorre essa experiência, ele tem a clara certeza de que criou a mãe e o seio, e essa sensação de onipotência o proporcionará seu desenvolvimento por meio do ambiente facilitador. No entanto, esse processo tem sua gênese na infância, na relação mãe-bebê. O bebê não existe por si só, mas somente pelos cuidados maternos. (HISADA, 2002).

Para que o bebê tenha a capacidade de se desenvolver psicologicamente, é necessário que a mãe proporcione a ilusão de onipotência. Além disso, é de suma importância que o bebê seja cuidado por uma mesma pessoa (mãe) desde o início para não haver a interrupção da relação primitiva mãe-bebê. Primeiramente, porque existe uma mãe sedenta em oferecer alimento ao seu bebê, e ele, por sua vez, tem fome e movimentos pulsionais e predatórios em direção a essa mãe. Esse encontro dos pares seio-mãe *versus* fome-necessidade propicia uma experiência conjunta em ambos. Constituindo o primeiro laço afetivo feito pelo bebê com um objeto externo (mãe) e, nesse momento, o bebê vivencia a ilusão. (WINNICOTT, 1956/1988).

O nascimento de bebês não é apenas um fato biológico, pois afetivamente, psicologicamente, o bebê depende da mãe. Neste momento é importante que a mãe dê ao bebê a ilusão de que tudo de que ele necessita pode ser satisfeito, pode ser encontrado. (HISADA, 2002, p. 38).

Para Winnicott (1982), a assistência melhor para um bebê é aquela que vem do coração e a qual é carregada de sentimentos. O dar alimento representa uma das funções vitais mais importantes para o desenvolvimento físico normal e saudável. Esse alimento, carregado de sentimentos, é que ultrapassa qualquer barreira. O bebê sente o alimento quentinho em sua barriga e para ele, pouco importa se é uma ilusão ou real. O mais importante é que ele encontrou uma mãe disposta a provê-lo.

A evolução emocional da criança tem início no começo de sua vida. Se quisermos julgar a maneira como um ser humano trata com os seus semelhantes, e ver como edifica a sua personalidade e vida, não poderemos dar ao luxo de deixar de fora o que sucede nos primeiros anos, meses, semanas e mesmo dias de sua vida. (WINNICOTT, 1982, p. 116).

Um bebê vai mal, quando a mãe não tem a compreensão interna de que seu bebê é muito mais do que um corpo físico. A mãe precisa entender que seu bebê alcançará um desenvolvimento emocional saudável se ela perceber que existe nele um ser em constante desenvolvimento.

Vai por mau caminho o bebê cuja mãe trate dele, ainda que o faça na melhor das intenções, acreditando que os bebês pouco mais são, no princípio, do que um feixe de fisiologia, anatomia e reflexos condicionados. Sem dúvida, esse bebê será bem alimentado, poderá alcançar uma boa saúde física e ter um crescimento normal, mas se a mãe não souber ver no filho recém-nascido um ser humano, haverá poucas possibilidades de que a saúde mental seja alicerçada com uma solidez tal que a criança, em sua vida posterior, possa ostentar uma personalidade rica e estável, suscetível não só de adaptar-se ao mundo, mas também de participar de um mundo que exige adaptação. (WINNICOTT, 1982, p. 118).

A constituição da preocupação materna primária desenvolve na mãe a capacidade de adoecer saudavelmente, fornecendo assim um amparo para constituição psíquica do bebê. A mãe, que se adapta ao seu bebê, estabelecendo contato com o mundo, oferece ao bebê uma imensa riqueza nas suas relações externas, mostrando-lhe que eles sobreviveram ao abismo existente no início da relação primária.

O terceiro tópico relacionado ao *setting* terapêutico de Winnicott, é o espaço potencial que representa a passagem do não-ser para o ser. É a construção do espaço interno e externo. Esse conceito é paradoxal, pois o bebê articula o seu lugar no ambiente por meio de ambiguidades, ou seja, ao mesmo tempo em que ele busca um lugar para dar conta do movimento de aproximação, ele busca também o distanciamento. Ora a união ora a separação. E é isso que vai proporcionar toda a passagem do não-eu para o eu. Essa passagem tem como consequência a perda da onipotência, que foi necessária no início e que agora deve ser destruída. É o corte do cordão umbilical e a entrada na experiência vivida por meio da capacidade de representação. (HISADA, 2002).

A mãe que não é capaz de proporcionar o ambiente necessário para desenvolvimento sadio do bebê, de acordo com o Abram (1996, p. 161), pode ser dividida em três classificações: “a mãe psicótica, a mãe que não pode se entregar à preocupação materna primária e a mãe atormentadora”.

A mãe psicótica tem dificuldade de separar-se do filho, não permitindo que fuja do seu olhar sufocante. No entanto, é uma mãe que atende as demandas do bebê. A mãe, que não se entrega à preocupação materna primária, pode ser que apresente um estado depressivo e provavelmente busque compreender a perda precoce; e a mãe atormentada é a pior, na visão de Winnicott, porque apresenta consequências desastrosas no desenvolvimento psíquico saudável do bebê. (ABRAM, 1996).

2.2 A mãe e a função especular

A mãe representa para seu bebê um espelho que mostra sua existência e singularidade. E isso acontece, quando ela estabelece uma devoção a ele, tratando-se então de uma relação sagrada. A grande dificuldade da mãe está relacionada ao medo e por isso tenta fugir da responsabilidade, balizando seus ensinamentos em manuais e regras predeterminadas, no intuito de conseguir alguma ajuda que lhe proporcione mais segurança na função especular.

Brazelton (1992) aponta que as interpretações subjetivas dos pais são carregadas de fantasias em relação aos filhos e que são originadas principalmente no período da infância, provavelmente, por meio de seus parentes mais próximos, de seus sonhos e de seus medos. Dessa maneira, o bebê desperta nos pais suas próprias fantasias internas herdadas de seus familiares e parentes. Em consequência, a criança também manifestará suas fantasias, mas será em proporções muito diferentes, ora por meio de brincadeiras e/ou ora por meio de palavras, a partir do seu segundo ano de vida.

As interpretações subjetivas dos pais tentam dar significados relevantes ao comportamento dos seus filhos, analisando as reações inconscientes do bebê de maneira bem subjetiva, tentando decifrar seu menor gesto com experiências vividas anteriormente por eles. As mães, muitas das vezes, superestimam a intencionalidade do comportamento de seus bebês.

Brazelton (1992) cita um exemplo de uma mãe que afirmou conhecer o comportamento do seu bebê recém-nascido com bastante veemência: *“Acho que ele vai ser teimoso; se ele não quer beber, não bebe. Ele fecha a boca com os lábios.*

Dizem que eu também era teimosa quando criança". (MEARES et al. 1982 apud BRAZELTON, 1992, p. 157).

Percebe-se que o comportamento da mãe, ao tentar compreender seu bebê, é interpretado com falas internas e carregadas de questões simbólicas. A mãe com suas construções internas e de acordo com sua própria história de vida, suas zonas de conflitos, seus valores e outras coisas mais, tem uma visão subjetiva do comportamento do seu bebê de forma delirante.

A mãe, na visão de Winnicott, não deve ser ensinada quanto aos cuidados do bebê, pois ela se tornaria autoconsciente e mais desajeitada. As expressões "a mãe devotada comum" e a "mãe suficientemente boa" criam um ambiente aberto e tolerante em que ela tem a possibilidade de sentir-se livre o suficiente para ser ela mesma, podendo cometer erros e se corrigir até que se alcance uma sintonia razoavelmente correta. A "preocupação materna primária" ajuda na satisfação das necessidades do bebê. (GROLNICK, 1993).

O bebê, quando começa a se separar da sua mãe, passa a viver o sentimento do não-eu e o de desilusão. Com a perda do objeto (mãe), ele tem a possibilidade de recriar e aprender a lidar com o vazio, o qual é preenchido pela sua imaginação.

O momento em que o bebê começa a reconhecer a mãe como outro permite que lide com a ausência por meio da transicionalidade, pois a imaginação o remete à experiência satisfatória vivida anteriormente. A individualidade do bebê se torna possível, quando descobre a si próprio, por meio do reflexo do olhar da mãe no seu. (HISADA, 2002, p. 38).

A diferença que os separavam foi suplantada pela dedicação exclusiva da mãe ao filho. Não se pode concluir que o bebê que teve alimento e cuidados maternos terá uma saúde mental saudável, pois todas as experiências serão importantes no decorrer da sua vida. Da mesma forma, não se pode concluir que os bebês criados numa instituição ou por uma mãe sem criatividade estarão predestinados a uma clínica mental.

A mãe é a pessoa que dá sustentação, manejo e quem apresenta o ambiente externo. Para que o bebê alcance o desenvolvimento necessário para sua formação psíquica, é preciso que a mãe desempenhe um papel vital no ambiente: ser com seus olhos o reflexo do seu bebê. "Por outras palavras, a mãe está olhando

para o bebê e o que ela aparenta está relacionada ao que ela vê ali”. (NEWMAN, 2003, p. 186).

O que é que o bebê vê, quando olha para o rosto da mãe? Sugiro que normalmente, o bebê vê é ele mesmo. Em outras palavras, a mãe está olhando para o bebê e aquilo com que ela fica parecida (a cara que ela faz) depende do que ela está vendo nele (...) (WINNICOTT, 1967, p. 130 *apud* MELLO FILHO, 1989, p. 164).

O primeiro contato do bebê com sua mãe se dá no seio e depois no olhar. Se a mãe não corresponder ao olhar do seu bebê, poderá acarretar uma ameaça desordenada no seu desenvolvimento psíquico e o bebê poderá deixar de corresponder.

Um bebê tratado desse jeito crescerá atrapalhado em relação aos espelhos e sobre o que o espelho tem a oferecer. Se o rosto da mãe não reage adequadamente, o espelho constitui algo a ser olhado, mas não examinado. (MELLO FILHO, 1989, p.164).

De acordo com Lima (2000), é por meio do olhar que a criança se constitui como pessoa. Antes desse momento, a criança se vê completamente fragmentada, não existindo distinção entre o seu corpo e o da mãe. Quando a mãe deixa a sua função especular de lado, impossibilita a construção da identidade do bebê, tendo em vista que a criança não tem condição psíquica de se constituir sozinha, pois é preciso que ela tenha uma formação do seu eu por meio do outro que se representa numa função especular. É preciso que o olhar materno seja de um total investimento, pois o fato de o bebê não ser olhado, possivelmente o transformará em uma “coisa amorfa” ou apenas em um corpo em desenvolvimento fisiológico.

Sabemos que o bebê enquanto mama no seio ou na mamadeira não olha para o seio da mãe, mas sim para o seu rosto. Nesse momento, o bebê tem a oportunidade de se ver no olhar da mãe, claro que ainda de forma distorcida, pois o seu verdadeiro *self* está guardado.

A troca de olhares desencadeia a construção do verdadeiro *self*, aquilo que o bebê vê no rosto da mãe é sua imagem refletida nos olhos dela. Agraciado é o bebê, que teve o prazer de ser olhado e visto por sua mãe.

Aquele bebê que “agora tem como olhar e ver” é um afortunado por ter uma mãe que também “tem como olhar e ver”, e que desencadeia um processo de conhecimento de seu bebê. Se os gestos espontâneos do bebê (que são definidos por Winnicott como o verdadeiro *self* em ação) tiveram uma resposta positiva, irão encorajar o bebê a desenvolver um sentimento de *self*. (ABRAM, 1996, p. 159).

Enfim, a conquista do verdadeiro *self* só pode ser alcançada quando se tem uma mãe suficientemente boa que mantém a criança em sua mente como uma pessoa inteira. (MELLO FILHO, 1989).

3. CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO BEBÊ

Após esta breve apresentação das contribuições de Winnicott, é possível verificar o quanto a mãe e o ambiente são importantes para a constituição psíquica do bebê. Vale ressaltar que ele é absolutamente dependente dela e que só irá perceber a sua existência, quando conseguir realizar a diferenciação do eu e do não-eu, o que não ocorre tão cedo. Por conseguinte, a mãe precisa estar em sintonia com seu bebê estabelecendo uma ligação plena e de união completa, que é a preocupação materna primária. Winnicott (1962/1983) chamou este estágio de adoecimento necessário e saudável no qual a mãe se recupera em algumas semanas depois do nascimento do bebê.

Na exposição de sua teoria vimos que, neste momento único da dependência absoluta, o adoecimento da mãe é importante, mas que depois, ela sai dessa situação e começa a se relacionar de outra forma com seu bebê.

A mãe pode fazer isto porque ela se dispôs temporariamente a uma tarefa única, a de cuidar de seu nenê. Sua tarefa se torna possível porque o nenê tem a capacidade, quando a função de ego auxiliar da mãe está em operação, de se relacionar com objetos subjetivos. Neste aspecto o bebê pode chegar de vez em quando ao princípio da realidade, mas nunca em toda a parte de uma só vez; isto é, o bebê mantém áreas de objetos subjetivos juntamente com outras em que há algum relacionamento com objetos percebidos objetivamente, ou de objetos "não-eu". (WINNICOTT, 1962/1983, p. 56).

A mãe suficientemente boa apresenta ao seu bebê o mundo externo e o faz entender de forma interna quem ele representa, ela é quem permite uma leve sensação de onipotência e o mostra quando necessário a sua diferença a ele.

A mãe que é capaz de se dedicar, por um período, a essa tarefa natural, é capaz de proteger o vir-a-ser de seu nenê. Qualquer irritação, ou falha de adaptação, causa uma reação no lactente, e essa reação quebra esse vir-a-ser. Se reagir a irritações é o padrão da vida da criança, então existe uma séria interferência com a tendência natural que existe na criança de se tornar uma unidade integrada, capaz de ter um *self* com um passado, um presente e um futuro. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 82).

Já a mãe que é incapaz de relacionar-se com seu bebê favoravelmente não estabelece um desenvolvimento contínuo, porque seu estado de adoecimento necessário não está disponível.

A mãe que não atravessar o estado de preocupação materna primária torna-se incapaz de estabelecer empatia com o bebê e, portanto, não poderá oferecer-lhe o necessário suporte egóico. O bebê é deixado por sua própria sorte. (ABRAM, 1996, p. 29).

3.1 O cuidado materno suficientemente bom

A mãe, por meio do *holding*, fornecer apoio egóico, precisamente na fase da dependência absoluta, antes do aparecimento da integração do ego. *Holding* significa o segurar fisicamente o bebê, de forma que ele se sinta amado, sustentado, cuidado e acolhido.

Na visão Winnicottiana é fundamental para a constituição do *self* o modo como a mãe segura o bebê no colo e o carrega, proporcionando-lhe a continuidade entre o inato, a realidade psíquica e um esquema corporal pessoal.

O *holding* é extremamente importante desde a fase da dependência absoluta até que o bebê tenha uma autonomia, ou melhor, até que ambos tenham a delimitação dos seus espaços psíquicos perfeitamente distintos.

Com “o cuidado que ele recebe de sua mãe” cada lactente é capaz de ter uma existência pessoal, e assim começa a construir o que pode ser chamado de *continuidade do ser*. (...) Se o cuidado materno não é suficientemente bom então o lactente realmente não vem a existir, uma vez que não há a continuidade do ser; ao invés a personalidade começa a se construir baseada em reações a irritações do meio. (WINNICOTT, 1960/1983, p.53).

Durante esta fase de dependência absoluta, o bebê não possui meios para avaliar que os cuidados maternos são bons ou maus, mas está em posição de obter proveito com isso ou de sofrer distúrbios no seu desenvolvimento.

Uma falha no ambiente precoce é o que há de mais desastroso para a saúde mental do indivíduo. Neste estágio a unidade é mãe-bebê sendo a mãe o ambiente e o bebê apenas uma parte desse ambiente. (WINNICOTT, 1962/1983).

Os cuidados com o bebê representam basicamente o “segurar” físico e psíquico. A mãe é a base para o seu desenvolvimento, ela auxilia no processo de maturação evitando que sofra um extremo desamparo. Se adaptar às necessidades do bebê é algo que só pode ser feito por um ser humano, então, há uma dependência de um ser chamado mãe, para dar prosseguimento nesse desenvolvimento, que é capaz de satisfazer as necessidades preliminares do seu bebê.

A base da personalidade estará bem definida se o bebê for mantido seguramente, ainda que, ele não se recorde de quando a mãe o segurou com firmeza, no entanto, lembra-se da experiência traumatizante de não ter sido segurado de forma correta. (ABADI, 1998).

São por meio desses cuidados maternos, que o bebê desenvolverá a capacidade de estar só, ou seja, o bebê apresentará uma autonomia em relação à mãe e conseguirá ficar sozinho sem a sua presença. A aquisição dessa capacidade representa um importante amadurecimento, pois remete a transição do objeto interno em conexão para a realidade externa. (ABADI, 1998).

Winnicott (1960/1983) esclarece que a mãe quando acaricia seu bebê, toca-o, afaga-o, fala com ele, promove uma ligação entre soma e psique. Essa integração psique-soma ocorre principalmente, quando ao olhá-lo, a mãe se oferece como espelho onde ele pode se ver.

3.2 Princípio da realidade e as “falhas” maternas

Winnicott (1963/1983) esclarece que a dependência absoluta se faz necessária nos primeiros momentos de vida do bebê, pois ainda, é um ser totalmente desamparado do qual necessita estritamente de cuidados específicos para atingir o estágio da dependência relativa e por fim à independência. Esses cuidados são oferecidos pela mãe, que sabiamente saberá conduzi-lo de acordo com as necessidades de ambos.

Na dependência relativa, o bebê passa a conhecer uma falha gradual dessa adaptação. A mãe que satisfazia as necessidades do ego do bebê passa agora a frustrá-lo gradualmente, mas não é uma frustração consciente, é natural, a mãe precisa voltar-se para suas tarefas diárias, seu trabalho e sua vida pessoal. Enfim aos poucos, ela vai se dando conta de que existe um mundo lá fora.

O bebê, que antes não sentia o desconforto da ausência do alimento, começa a incomodar-se com as demoras da mãe, e em consequência, ela apresenta-lhe o princípio da realidade, demonstrando que suportar a “ausência do alimento” é necessário para sair do estado de dependência absoluta.

A mãe “suficientemente boa” diminuirá a intensidade de cuidados oferecidos antes intensamente, para que o bebê tenha que lidar com as adversidades externas, com o empecilho, com as demoras, chorando mais um pouco, enquanto seu alimento é preparado. Esse contexto permite a assimilação de novos estímulos proporcionando o suporte necessário para lidar com a falha gradual da mãe, desenvolvendo-lhe a capacidade de usar sua compreensão intelectual de início. É claro que o cuidado só proporciona desenvolvimento quando acontece de forma natural e contínua.

Esta é uma idéia para ser enfatizada aqui, uma vez que o processo inteiro do cuidado do lactente tem como principal característica a apreensão contínua do mundo à criança. Isso é algo que não pode ser feito por pensamento, nem pode ser manejado mecanicamente. Só pode ser feito pelo manejo contínuo por um ser humano que se revele continuamente ele mesmo, não há questão de perfeição aqui. Perfeição pertence a máquinas; o que uma criança consegue é justamente aquilo de que ela precisa, o cuidado e a atenção de alguém que é continuamente ela mesma. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 83).

Após algumas semanas de intensa adaptação às necessidades do bebê, ele sinalizará que seu amadurecimento já consegue suportar as falhas maternas. A mãe suficientemente boa deve compreender esse movimento do bebê e o corresponder, permitindo-se falhas necessárias para o desenvolvimento do seu bebê rumo à dependência relativa.

Um dos principais fatores dessa dependência relativa é que o bebê permite que a mãe saiba quais são suas necessidades. O “sinal” enviado pelo bebê a sua mãe também pode ser aplicado à relação paciente-analista. (ABRAM, 1996, p. 105).

Para Abadi (1998), a dependência relativa acontece quando o bebê reconhece a falha da mãe e os fracassos ambientais.

Esta “falha” materna inaugura o “princípio da realidade” para a criança, além de participar do processo de desilusão que está vinculado ao desmame. Ao “falhar”, a mãe, sem sabê-lo, permite ao bebê sentir e experimentar suas próprias necessidades. Esta “falha” contribui para o desenvolvimento de seu sentimento de *self* – um *self* que é eu e separado da mãe. (ABRAM, 1996, p. 104).

É importante ressaltar que os cuidados maternos são sumamente essenciais para o desenvolvimento do bebê, pois assegura-lhe um ego fortalecido que se apoia na interação mãe-bebê em prol da constituição da identidade pessoal e

do conhecimento mútuo. E a constituição psíquica vai se formando por meio do tempo, do ritmo e da observação da mãe com seu bebê.

A mãe que não permite ao bebê suportar “falhas”, provoca-lhe uma incapacidade de perceber suas próprias necessidades, impedindo-lhe a constituição do seu eu diferente do não-eu.

A mãe que não pode operar isso por conta própria e que se apega a seu bebê, além da idade conveniente, impele que o bebê atinja o estágio de preocupação e a capacidade de utilizar o espaço transicional. Por outro lado, a mãe que não corresponde aos anseios do bebê e provoca uma repentina quebra em sua continuidade do ser instaura a falha em “F”. A etiologia da tendência anti-social origina-se a partir dessa forma de falha ambiental. (ABRAM, 1996, p. 104).

3.3 Ambiente favorável propõe desenvolvimento

Cada indivíduo nasce com um potencial inato para desenvolver e se integrar, no entanto, o fato de ser inato não quer dizer que ele de fato ocorrerá, por conseguinte, dependerá de um ambiente facilitador que forneça cuidados adaptados às necessidades do bebê, sendo que, no primeiro momento, esse ambiente é apresentado pela mãe.

Vale lembrar, que esses cuidados dependem da necessidade de cada criança, porque cada indivíduo responderá ao ambiente de forma única e singular, apresentando condições, potencialidades e dificuldades diferentes.

Winnicott (1963/1983) faz uso da palavra ambiente em diferentes situações e com significados distintos. Em alguns momentos, dá importância ao ambiente recebido pelo bebê, em outros, ao ambiente preexistente à vida do bebê, e por fim, refere-se ao ambiente interno do bebê, ou seja, o seu meio ambiente pessoal.

O autor esclarece que o ambiente favorável é um facilitador dos processos de maturação, mas enfatiza que ele sozinho não faz muita coisa, é preciso esclarecer que o bebê necessita de cuidados maternos suficientemente bons para concretizar o seu potencial. Não basta ter apenas um ou outro, os dois são fundamentais para sua constituição psíquica.

Podemos dizer que o ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação. Mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 81).

Mas para que o bebê receba as interações do ambiente, ele precisa exclusivamente de uma pessoa (mãe, preferencialmente) envolvida no seu desenvolvimento. E a partir dessas condições favoráveis, ele seguramente conseguirá criar condições próprias para desenvolver-se psiquicamente e de tornar-se independente.

O mais importante para a constituição psíquica não é ter um indivíduo livre de doenças mentais, mas um indivíduo pronto para sua realidade psíquica interna. Ou seja, uma criança que tenha um amadurecimento interno para estabelecer-se psiquicamente na fase adulta. É fazer com que a criança saia da dependência absoluta para independência psíquica.

Segundo Winnicott (1962/1983), prover saúde à criança é proporcionar um ambiente que facilite a saúde mental e o desenvolvimento psíquico. Esse desenvolvimento só pode ocorrer se a criança for amparada por condições suficientemente boas, caso contrário, ele desenvolver-se-á internamente de forma destrutiva.

O desenvolvimento emocional ocorre na criança se se provêem condições suficientemente boas, vindo o impulso para o desenvolvimento de dentro da própria criança. As forças no sentido da vida, da integração da personalidade e da independência são tremendamente fortes, e com condições suficientemente boas a criança progride; quando as condições não são suficientemente boas essas forças ficam contidas dentro da criança e de uma forma ou de outra tendem a destruí-la. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 63).

Por fim, pode-se concluir que, quando a criança descobre o mundo externo no seu tempo, ela encontra-se preparada para receber as surpresas que a vida reserva. A mãe, quando cuidadosa, evita que seu bebê seja invadido pelo mundo antes que ele esteja pronto para receber suas respostas.

E por meio de comportamento atencioso, a mãe observará quando seu bebê estará pronto para descobrir o mundo por si só, essa passagem é surpreendentemente marcante para a mãe, que atentamente, observa os sinais que seu bebê vai deixando ao longo de sua experiência com ele. (GROLNICK, 1993).

Se a mãe proporciona uma satisfação instintual ao bebê quando ele não está preparado, ele a recebe, mas apenas porque foi seduzido, e a experiência é vivida como uma submissão, que viola o seu verdadeiro *self*. A mãe suficientemente boa aguarda que o bebê dê sinais de suas necessidades e de sua prontidão para receber a gratificação instintual, e só então providencia sua satisfação. (PINTO, 2007, p. 423).

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo apontar a importância da função materna no desenvolvimento psíquico saudável do bebê. Vimos que a mãe é o alicerce dele. Sem ela, é praticamente inviável que seu desenvolvimento prossiga de forma saudável e constante.

O estudo permitiu compreender que a constituição psíquica do bebê está relacionada aos cuidados maternos suficientemente bons, à interação do ambiente facilitador e à relação exclusiva mãe-bebê.

A mãe não precisa aprender ser mãe e muito menos ser ensinada para isso. Winnicott nos propõe pensar que se as mães fossem ensinadas por médicos, psicólogos, dentre outros profissionais, correríamos um sério risco de atrapalhar e destruir essa importante relação.

De acordo com os estudos, vimos que a inexperiência da mãe não é impedimento para fazer uma boa maternagem. Os cuidados iniciais são aprendidos durante a relação mãe-bebê. A mãe aprende a ser mãe, vivenciando a relação estabelecida logo nos primeiros dias de vida do seu bebê.

É interessante pensar o quanto essa relação irá se desenvolver e se definir. A mãe do bebê carrega heranças internas estabelecidas na relação com sua mãe e com o bebê que um dia foi. E o seu bebê, por sua vez, irá se constituindo com seu potencial inato e com suas trocas de experiências recebidas pela mãe.

Uma mãe, para ser suficientemente boa, tem que ser para seu filho o que emerge na relação, ou seja, mesmo tendo seus afazeres, ela precisa aplacar a fome do bebê, levá-lo a uma experiência de onipotência, dentro do princípio da realidade e frustrá-lo, no momento oportuno. É ela quem deve apontar o mundo externo ao bebê, ajudando-o a desenvolver o seu eu que, no início, não é integrado.

É a mãe quem apresenta o ambiente social e o faz sentir-se seguro, por meio dos seus cuidados, pois ele, ao nascer, vivencia um extremo desamparo, aplacado por ela no momento oportuno.

Quando o cuidado materno mostra-se confiável, a “continuidade da linha da vida” do bebê se mantém, e ele experimenta uma “continuidade de ser”, pois os processos de desenvolvimento de seu ego não sofreram excessivas perturbações emocionais ou físicas. Essa é a “base do ego”. Um certo grau de falha pode ocorrer, se elas

forem percebidas e corrigidas pela mãe, o que proporciona uma sensação de segurança e de ter sido amado. (PINTO, 2007, p. 423).

O bebê ainda não tem a noção de separação entre ele e a mãe, mas acredita que ambos são um, representando a chamada simbiose mãe-bebê. É neste momento, que a mãe apresenta-se e ajuda-o a reconhecer a si mesmo.

Para que o desenvolvimento emocional primitivo aconteça, é preciso que o bebê receba continuamente os cuidados maternos, porque são eles que ajudarão no fortalecimento do ego ainda em formação. O ego fraco é amparado pelo ego materno capaz de sustentar física e emocionalmente o bebê, aplacando a sua dependência absoluta.

A mãe suficientemente boa apresenta o ambiente favorável. Ela entende a dependência do bebê, se adaptando às suas necessidades, proporcionando-lhe experiências de onipotência, de integração do eu e do desenvolvimento emocional primitivo a ponto de impactar num acúmulo de experiências significativas. E o ambiente, quando suficientemente bom, também colabora para o desenvolvimento da constituição psíquica saudável. (PINTO, 2007).

Ao expor as fragilidades da mãe no processo de constituição psíquica do bebê, apresentei que ela não deveria ser culpada por seus cuidados maternos. Antes disso, a mãe precisaria também de ter um amparo acolhedor que a faça permanecer adulta, reconhecendo a vulnerabilidade do seu bebê. Esse amparo pode ser do pai da criança, da família ou do ambiente externo, que tem a função de ajudá-la na experiência de descobrir as necessidades do seu bebê e de adaptar-se a ele.

Winnicott deu grande importância à função da mãe como integradora do eu, responsável pela interação e pela adaptação do bebê no ambiente, e concluiu que um bebê suficientemente bom com uma mãe suficientemente boa, um ambiente facilitador é capaz de desenvolver um eu suficientemente bom. (MELLO FILHO, 1989).

Após realizar este estudo, concluo que seria interessante dar continuidade a este trabalho. Talvez em alguma pesquisa de campo. Acredito que o acréscimo de um estudo de caso contribuiria para a compreensão das conclusões aqui obtidas. Mas devido à exiguidade do tempo, atentei-me apenas a discutir os pensamentos de Winnicott a respeito da importância da função materna e do ambiente facilitador para

a constituição psíquica do bebê. Por conseguinte, considero que o tema proposto ajudou-me a compreender a importância da mãe para o bebê e aceitar que sem os seus cuidados suficientemente bons seria praticamente inviável falar e pensar num bebê psicologicamente saudável.

REFERÊNCIAS

- ABRAM, J. **A Linguagem de Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.
- ABADI, S. **Transições: o modelo terapêutico de D. W. Winnicott**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- BRAZELTON, T. Berry. **As primeiras relações**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905/1996)**. In. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 119 – 218. VI. VII.
- GROLNICK, Simon A. **Winnicott o trabalho e o brinquedo: uma leitura introdutória**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- HISADA, Sueli. **Clínica do setting em Winnicott**. Rio de Janeiro: Reviver, 2002.
- LIMA, A. M. C. **O olhar sobre a criança**. Revista Symposium, Pernambuco, número especial, 2000.
- MELO FILHO, J. **O ser e o viver – Uma visão da obra de Winnicott**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- NEWMAN, Alexander. **As ideias de D. W. Winnicott: um guia**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- PINTO, M. C. **Livro de ouro da psicanálise**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- WINNICOTT, D.W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: S.A., 1982.
- _____. **O ambiente e os processos de maturação – D. W. Winnicott**. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____.(1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: D. W. Winnicott. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____.(1962). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: D. W. Winnicott. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____.(1962). Provisão para a criança na saúde e na crise In: D. W. Winnicott. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____.(1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: D. W. Winnicott. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. **Da pediatria à psicanálise.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

_____.(1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: D. W. Winnicott. **Textos Seleccionados: da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas.** Rio de Janeiro: F.Alves, 1988.

_____.(1952). Psicose e cuidados maternos. In: D. W. Winnicott. **Textos Seleccionados: da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas.** Rio de Janeiro: F.Alves, 1988.

_____.(1956). A preocupação materna primária. In: D. W. Winnicott. **Textos Seleccionados: da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas.** Rio de Janeiro: F.Alves, 1988.

_____. **Os bebês e suas mães.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

